



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**O QUE SÃO MANUAIS DE BEM MORRER? – ESTUDO
COMPARATIVO DAS DIFERENTES ABORDAGENS DO DISCURSO
ECLESIAÍSTICO SOBRE A SALVAÇÃO DAS ALMAS E O JUÍZO
FINAL, SÉCS. XVII-XIX**

Daniel Martins Ferreira*

I

Esta Comunicação pretende apresentar as inquirições iniciais de uma pesquisa de mestrado que se debruça sobre *Manuais de Bem Morrer* escritos entre os séculos XVII-XIX, objetivando compreender as modulações discursivas, ao longo deste período, da doutrina do bem morrer, tendo em vista suas estratégias de convencimento e a conexão deste discurso com acontecimentos macro, como o lento processo de secularização da gestão dos mortos e da morte.

O primeiro problema de pesquisa é: o que define um *Manual de bem Morrer*? Em minhas primeiras leituras sobre o assunto, percebi em diferentes trabalhos a indicação desses manuais, traçando sua conexão a um gênero de escrita religiosa que data da Europa Medieval. Entretanto sentia um incômodo, talvez por influência da crítica ao ídolo das origens de Marc Bloch (Bloch 2001), não conseguia compreender o que exatamente nos permitia enquadrar os textos de *Ars moriendi* medievais, de origens diversas, com os livros que encontrei em língua portuguesa na era moderna. Mesmo o termo “manual”

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília (UnB).

apresentou-me indagações importantes, afinal o termo manual raramente era usado como título ou como descrição da função dos livros que analiso. Seria esse termo então uma escolha da historiografia para se referir a estes livros?

É preciso então fazer uma breve análise historiográfica e identificar algumas premissas para compreensão do lugar de escrita em que me encontro e oferecer alguma clareza metodológica ao leitor deste artigo. Começarei com uma afirmação sem refinamento estatístico, mas me parece seguro dizer que os estudos que possuem a morte como objeto, seja ele o foco central de indagação ou apenas um tema auxiliar, tendem a se focar nas práticas funerárias, tendo como duas vertentes principais: estudos focados nas confrarias e suas estratégias de solidariedade com o custos funerários, ritos e vitalmente na garantia das contínuas missas a serem rezadas em benefício de seus irmãos; pesquisas sobre o processo de secularização dos cemitérios, com toda a carga temática que isto acompanha, desde políticas públicas, debates doutrinários, questões higienistas etc. Vertentes essas que obviamente se cruzam, sendo virtualmente impossível falar-se de confrarias sem ter em conta sua relação com as disputas sobre o controle dos espaços nos cemitérios e a recíproca não poderia ser mais verdadeira. Ainda que essas duas vertentes foquem-se na análise dos costumes e práticas funerárias, em seu desenvolvimento, invariavelmente, fazem referência aos manuais (utilizando o termo manual ou não, *Ars moriendi* ou não). Ainda, não é difícil encontrar pesquisas neste sentido que escolhem uma dessas obras e a tomam como significativa para seu trabalho, independente da relação real das práticas por se decifrar e o discurso desenvolvido no livro utilizado como referência. Concluo que talvez sirvam como uma pedra angular, um ponto de apoio demonstrando que o tema *morte* possuía relevância a ponto de inspirar uma literatura especializada, ainda que o refinamento dessa arte seja pouco problematizada.

Ainda assim, coloco-me a fazer uma apologia dessa utilização dos manuais de forma homogênea. Existe uma certa consistência de algumas ideias centrais nesses manuais. Talvez seja forte demais traçar uma linha condutora da Idade Média até o XIX, porém, parece razoável afirmar que existe sim um núcleo manifesto de grandes imagens e essas imagens-ideias são os elementos de importância para os trabalhos operando nas vertentes delineadas acima. Elementos como a utilização da doutrina do purgatório como instrumento de convencimento, a certeza da morte e a incerteza do momento em que ocorrerá, a necessidade dos sacramentos, a necessidade de se fazer um testamento. Este

último é uma característica vital para aqueles estudos por contextualizar a relevância dos testamentos como fonte para a compreensão da relação dos contemporâneos com a morte.

Feita essa consideração, podemos nos permitir dar mais um passo e perguntar: esses elementos comuns são realmente os mesmos? Possuem os mesmos significados? E caso tenham, executam-se da mesma forma? Esses manuais não nos podem revelar meios diferentes de se abordar o purgatório, os sacramentos, demonstrar as prioridades dadas dentro de cada discurso a um desses elementos ou mesmo trazer elementos novos, *sui generis*? Minha resposta preliminar é sim e tomarei como apoio aqui dois estudos que devo admitir terem me influenciado.

O primeiro é o *Na Fronteiras do Além*, de Claudia Rodrigues (Rodrigues 2005), cujo trabalho estabelecido em relação às práticas funerárias no Rio de Janeiro é referencial e, desde seu lançamento, talvez seja uma das obras mais citadas entre os que tomam por tema a morte no Brasil. Dentro da tipologia estabelecida anteriormente, seus trabalhos concentram-se na análise dos cemitérios e o processo de secularização. Sua análise dos manuais de bem morrer se orienta pelo viés comparativo, o mesmo que pretendo conduzir aqui adiante, tomando alguns desses livros devocionais dedicados a ensinar o bem morrer. Utiliza do termo pedagogia do medo¹ para definir essa teologia que faz uso das imagens de inferno e purgatório para incutir certos comportamentos de seus fiéis, inspirando a adesão a um padrão de comportamentos considerados corretos e esperados. Retomando o argumento relativo às mudanças de discurso dos manuais, ela defende uma espécie de linha do tempo para a *Ars moriendi*, em que entre os séculos XIV-XV haveria uma tendência à ênfase nas imagens de terror e medo, como inferno, demônio, a condenação às penas eternas, linguagem de morte; após este período, os manuais pautar-se-iam por uma linhagem mais amena, concentrando-se em orientações para um bem viver, linguagem de vida, associada à *devotio moderna*. Também ensina sobre a influência dos jesuítas sobre esse gênero, a qual foi determinante para o Império Português, fazendo surgir orientações para o bem morrer inspiradas nos *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola.

O segundo se chama “Desejando por a minha alma no caminho da salvação...” (Rodrigues e Dillmann 2013), artigo de coautoria entre Claudia Rodrigues e Mauro Dillmann, cujo objetivo específico é analisar as orientações desses manuais sobre

¹ Termo cuja origem não pude determinar, porém de utilização comum da historiografia.

como se escrever um testamento, adotando como parâmetro um manual de grande tiragem por século, séculos XVII, XVIII e XIX. A conclusão inicial é a de que, em essência, os mesmos segmentos aparecem nas instruções dos manuais, assim como pode ser verificada essas presenças nas análises de testamentos de cada século respectivamente. Entretanto, perceberam que do livro mais antigo ao mais recente ocorreu uma redução, uma diminuição perceptível do texto, saindo de um linguajar carregado da influência do barroco para uma linguagem quase instrumental:

Século XVII: e em esta fé espero de salvar minha alma, não por meus merecimentos, mas pelos da Santíssima Paixão do Unigênito Filho de Deus

Século XVIII: em cuja Fé espero salvar a minha alma²

II

Assim, parece-me claro dizer que podemos dizer que existem modulações se avançarmos e retrocedermos na linha do tempo. Igualmente, é aventada a correlação entre uma especificidade de discurso devocional com a influência jesuítica. Mas a questão metodológica que conduziu esta orientação permanece: o que é um *Manual de Bem Morrer*? A essa altura pode parecer uma insistência pueril, todavia o tema escatológico e soteriológico não é de exclusividade das *Artes moriendi*, são de fato a espinha dorsal de todo um sistema de crença católico³. São objeto de várias cartas, sermões, manuais de missas e livros de devoção de forma geral e, por vezes, de manuais morais leigos:

Para adereçar diretamente essa questão, é essencial recorrer às fontes à disposição, aos livros que encontramos sendo tratados pela historiografia como manuais e observar suas características e tentar concluir se formam uma unidade de análise possível. Existe aqui uma percepção dialética. A do homem em seu tempo, ou seja, se os próprios autores e possivelmente leitores desses textos compreendiam esses livros como

² Trechos encontrados no artigo de Rodrigues e Dillmann, retirados respectivamente dos manuais “Breve Aparelho” de Estevão de Castro e “Mestre da vida” de João Franco”.

³ Arriscaria dizer de todo um sistema de crença Cristão, incluindo aqui as doutrinas resultantes da Reforma Protestante. Inclusive, temos conhecimento de um livro chamado *Ars Moriendi*, de autoria do jesuíta Cardeal Bellarmino, o qual teria sido traduzido para o inglês no século XIX. Nesta tradução, o responsável por essa edição reclama de uma versão protestante desta obra, a qual conteria elementos heterodoxos, que necessitariam de correção. Parece ser o indício de que a circularidade de ideias sobre o bem morrer tenha um alcance menos restrito, entretanto, o presente estudo não possui fôlego para atingir conclusões nesse interim.

um tipo diferente, com particularidades conhecidas e esperadas, assim possibilitando para nós aventar a existência de um protocolo de leitura (Chartier 2011) próprio; e a percepção do historiador, posto que ainda que o homem em seu tempo possa não perceber a regularidade de elementos que configurem um conjunto, a pesquisa histórica é também construção, cabe à história tornar complexo aquilo que, por vezes, pode parecer simples, mas que esconde uma cadeia de relacionamentos e de ação, nem sempre evidente para aqueles que dela participam.

III

Ainda que andão alguns tratados de ajudar a bem morrer, doutos, & devotos, como são tão difusos, & compridos com varais considerações, servem mais para lembrança da morte, & viver bem; do que para ajudar a bem morrer no ultimo fim da vida, & agonia da morte, onde he necessário, como cousa repentina

(Estevão de Castro, Breve aparelho..., 1627)

Sendo esta Cidade da Bahia huma Praça de tanto commercio, e negocio; não apreçe fora de razão, que nella se trate do de mayor importância, e consideração, qual he o de ajustar bem a vida par conseguir bem a felicidade de huma boa morte

(José Aires, Breve direção..., 1726)

Ora como os inimigos da Religião espalham por toda a parte, e com a maior atividade, os seus maus livros para assim destruírem o catholicismo, nós devemos fazer outro tanto em favor da Religião e da Igreja.

(José Gonçalvez Couto, Missão abreviada..., 1868)

Os três trechos acima foram retirados de três manuais devocionais de três séculos diferentes. Todos fazem parte das introduções de cada obra e tentam explicar seu objetivo e justificar a necessidade daqueles escritos. Entretanto as suas diferenças, nem tanto sutis, condensam o objetivo desta comunicação.

O primeiro trecho, século XVII, escrito pelo jesuíta Estevão de Castro, o qual entretanto viveu entre os finais do XVI e início do XVII, em Portugal, tem como seu objetivo ajudar a bem morrer. Seu interesse não é fazer alusão aos problemas da vida ou trazer a imagem da morte, ou seja, sua intenção não é utilizar as figuras de medo para

convencer seu leitor, mas, sim, instruí-lo a se preparar para aquilo que considera o *ultimo fim da vida*. Não faz referência a um lugar de fala, seu texto se dirige ao grande público, a toda a cristandade.

O trecho do século XVIII foi escrito pelo também jesuíta José Aires, o qual entretanto viveu no Brasil, na Bahia, e lá escreveu sua obra. A primeira diferença já se assenta no fato de que embora seu livro também seja direcionado a toda cristandade, sua escrita tem como referencial as necessidades de seu ofício com a Confraria da Boa Morte. Em outros momentos de sua obra irá chegar inclusive a expor os regramentos para se pertencer a esta Confraria e a seus benefícios. Entretanto, ainda se assemelha com Estevão de Castro naquilo que se foca em propagar a doutrina de uma boa morte e, embora seu método expositivo seja diferenciado (o que não terei tempo de especificar aqui), ambos utilizam de passos e exercícios detalhados que auxiliarão o leitor, com forte teor prático, sendo possível ler apenas um dado segmento do livro e colocar em ação o ensinado.

O trecho do século XIX já se encontra em outro plano. Embora suas páginas falarão de juízo final e de salvação das almas, este não é seu objetivo, mas, sim, o de propagar a boa fé, de combater as más obras. Parece-me um claro manifesto pela coesão da fé. Surge a intenção política de forma muito mais clara no texto.

Uma hipótese de interpretação seria examinar os dois primeiros livros como manuais de bem morrer e o terceiro como um manual devocional, em um gênero mais amplo. Além de seu interesse não se relacionar diretamente e visceralmente com o bem morrer, sua estratégia de convencimento é também outra: em vez dos exercícios, dos passos, das orientações em estilo de manual de consulta, trata-se de orientações doutrinárias mais rarefeitas no texto. Dá suas respostas não como orientações concretas de fácil acesso e leitura, mas faz longas discussões até sobre a função de Deus na vida dos fiéis.

Ainda que permaneça convicto de que a *Missão abreviada* não se trata de um manual de bem morrer, posto que se coloca dentro de certos limites em que as diferenças facilitam este processo de classificação, esta conveniência não se apresenta em outros casos. No livro *Gritos do inferno* de Joseph Bonetta, um padre italiano cuja obra foi traduzida para o português no século XVIII, existem características que se situam a meio plano. É um livro que deseja ensinar a conduta certa a seus leitores, vê o purgatório e o inferno como forças das quais o cristão deva tentar escapar a todo custo e o paraíso como o objetivo maior. A vida correta deve ser praticada para se evitar as penas da danação.

Entretanto, ainda que divida seu livro de forma didática, permitindo a consulta por tópicos bem específicos, suas orientações sobre como viver uma boa vida não se enquadram em um mesmo esquema de manual como os do *Breve aparelho*. A sua metodologia de convencimento é a utilização sistemática dos *exempla*, relatos de vidas de outros cristãos que possam apelar ao leitor. No caso desta obra, seus *exempla* são, regra geral, de pecadores que não seguiram os conselhos aventados por Bonetta e voltam para contar aos fiéis a suas dores e compeli-los a tomar caminho diferente, pois seria isto que teriam feito se soubessem antes o que hoje conhecem. Com uma mudança estilística temos uma obra que se conecta com soteriologia e escatologia dos manuais de bem morrer, mas ao mesmo tempo adentra o campo da exposição doutrinária.

IV

Não pretendo aqui trazer as respostas a este problema de classificação, mas trazer estas dúvidas de pesquisa e deixa-las disponíveis para consideração e debate, esperando que com o avançar dos estudos e com o contato com outros avaliando temas similares e manuais afins possamos ter uma imagem menos turva.

A questão aqui não é impossibilitar o uso dessas fontes, nem uma espécie a um relativismo extremo que negue qualquer espécie de inteligibilidade e classificação. Mas é uma proposta de se buscar nos elementos que constituem argumentos para as operações de inclusão e exclusão as fragilidades conceituais. Por se tratar de resultado de análises qualitativas não seria um trabalho de se listar exaustivamente todos os candidatos a manuais de bem morrer, ou mesmo o gênero mais amplo dos livros devocionais (dentro do qual a *ars moriendi* se enquadraria), e fazer uma tabulação de elementos que automaticamente os classifiquem desta ou daquela maneira. Penso mais como uma atividade de se executar uma leitura exploratória de cada obra, tendo cuidado com contextualizações a priori.

Por fim, é importante ressaltar que esse trabalho de classificação não é apenas um esforço burocrático ou uma tentativa de dar nomes mais adequados. Reconhecer se certos livros compõem uma mesma linha doutrinária é essencial para que se possa identificar as mudanças nessa linha. Ao analisar as obras de bem morrer pode-se chegar a conclusões bem diferentes se considerarmos certas obras, como a *Missão abreviada*. Por exemplo, poderia nos oferecer como indício a utilização explícita do *bem morrer* de

forma política em combate ao protestantismo, saindo de uma tradição de exercícios e consultas destinadas a quem já é da fé para uma linguagem enfática em demonstrar como somente esta fé é a correta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aires, José. 1726. Breve Direcção Para O Santo Exercício Da Boa Morte: Que Se Pratica Nos Domingos Do Anno Da Igreja Dos Padres Da Companhia de Jesus Do Collegio Da Bahia: Instituido Com Authoridade Apostolica, Em Honra de CHristo Crucificado, E de Sua Mãe Ao Pé Da Cruz , Para Bem, E Utilidade Dos Fieis. Lisboa Occidental: Officina da Musica.

Bernardes, Manoel. 1728. Os Ultimos Fins Do Homem, Salvação, E Condenação Eterna: Tratado Espiritual Dividido Em Duos Livros. Lisboa Occidental: Officina de Ioseph Antonio da Sylva.

Berto, João Paulo. 2013. “A Escola de Bem Morrer Do Padre Antonio Maria Bonucci (1651-1729): Subsídios Para a Análise Da Fonte.” Tempo de Conquista no 13, jul.

Boneta, José. 1721. Gritos Do Inferno Para Despertar O Mundo. Lisboa: Officina de Filipe de SOusa Vilela.

Bonucci, Antonio Maria. 1701. Escola de Bem Morrer: Aberta a Todos Os Chistãos, & Particularmente Aos Moradores Da Bahia Nos Exercicios de Piedade, Que Se Practicão Nas Tardes de Todos Os Domingos Pelos Irmãos Da Confraria Da Boa Morte, Instituída Com Authoridade Apostolica Na Igreja Do Collegio Da Companhia de Jesus. Lisboa: na Officina de Miguel Deslandes.

Castro, Estevão de. 1627. Breve Aparente, E Modo Facil Para Ajuda a Bem Morrer Hum Christão, Com a Recopilação Da Materia de Testamentos & Penitencia, Varais Orações Devotas, Tiradas Da Escritura Sagrada, & Do Ritual Romano de N.S.P. Paulo V. Lisboa: por Mattheus Pinheiro.

Chartier, Roger. 2011. “Do Livro À Leitura.” In Práticas de Leitura, edited by Roger Chartier, translated by Cristiane Nascimento, 5a ed. São Paulo: Estação Liberdade.

Couto, Manuel José Gonçalves. 18---. Missão Abreviada Para Despertar Os Descuidados, Converter Os Pecadores E Sustentar O Fruto Das Missões. Porto: Typographia de Sebastião.

Dias, Miguel. 1716. Ultimo Instante Entre a Vida E a Morte: Considerado a Luz Dos Desenganos. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galrao.

Périer, Alexandre. 1724. Desengano Dos Pecadores: Necessario a Todo Genero de Pessoas. Roma: Officina de Antonio Roffis.

Rodrigues, Cláudia. 2005. *Nas Fronteiras Do Além: A Secularização Da Morte No Rio de Janeiro (séculos XVIII E XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.

Rodrigues, Cláudia, and Mauro Dillmann. 2013. "Desejando Pôr a Minha Alma No Caminho Da Salvação': Modelos Católicos de Testamentos No Século XVIII." *Revista Historia Unisinos* 17, no1 (January).

